

Julio Rodríguez González *

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia (31 a. C. – 68 d. C.)**

A presença das legiões romanas na Península Ibérica remonta ao ano 218 a. C., altura em que desembarcaram na antiga colónia grega de *Emporion* (Ampúrias, Gerona, Espanha) para combater o poder cartaginês, então potência hegemónica em terras ibéricas. Após estes acontecimentos, o Exército romano já não abandona a Península.

À exceção de algumas incursões esporádicas, as legiões de Roma instalaram-se no amplo vale do rio Douro em meados do século II a. C., impelidas pelas campanhas contra as tribos celtibéricas, em especial a grande e dura guerra contra os arevacos de *Numantia* (na actualidade junto a Soria, Espanha). Desde então, a Meseta Norte foi cenário frequente da actuação das unidades legionárias romanas quer em guerras contra as tribos indígenas quer nas suas próprias guerras civis¹.

Depois da batalha de *Actium*, junto às costas ocidentais gregas, a 2 de Setembro de 31 a. C., o filho adoptivo de Júlio César, Octávio, tomou o poder total no mundo romano, dando início a um poder pessoal que deixaria, no mais puro estilo monárquico, aos seus sucessores da dinastia Júlio-Cláudia, e dispôs-se a organizar os seus domínios em todos os âmbitos, incluindo o geográfico, orientando os seus esforços militares para o estabelecimento de fronteiras seguras² que na *Hispania* passavam pela submissão das tribos do nordeste – galaicos, astures e cántabros – tarefa que Roma encetaria a partir do ano 30 a. C. e que

* Doutoramento em História Antiga pela Universidade de Valladolid.

** Tradução de Paula Montes Leal. Revisão de José Ignacio de la Torre Rodríguez.

¹ No entanto, durante a principal guerra civil romana que se desenrolou na *Hispania*, disputada entre os adeptos de César e os adeptos de Pompeu, entre 49 e 45 a. C., não se efectuaram operações militares no vale do Douro.

² Augusto – *Res Gestae* 26-30; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército romano y la romanización de los astures*. Oviedo, 1981, p. 7; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista romana del N.O. de la Península Ibérica*. «Latomus» vol. 41, nº 1 (1982). p. 7.

alcançaria o seu período de maior intensidade de 26 até 19 a. C., momento em que se dá oficialmente por concluída a guerra, com o triunfo das armas romanas.

AS LEGIÕES DAS GUERRAS CONTRA OS GALAICOS, CÂNTABROS E ASTURES

Para atacar os duros e aguerridos galaicos, astures e cántabros, cujas bases estavam na cordilheira Cantábrica e nas suas margens, tanto do Sul como do Norte, os romanos usaram como base as terras da meseta a Norte do Douro, empregando como desculpa para a intervenção armada o facto de os montanheses atacarem as tribos da planície, já em processo de romanização, como a dos vacceos³. Como o Douro (embora sendo, por volta do ano 72 a. C., a fronteira com os povos não submetidos⁴) estava nesta altura demasiado na recta-guarda, demasiado afastado da zona de operações, foi criada uma linha-base artificial numa via que, partindo do rio Ebro, unia as que viriam a ser as três principais bases do exército atacante, isto é, Segisama (Sasamón, Burgos, Espanha), Asturica Augusta (Astorga, León, Espanha) e Bracara Augusta (Braga, Portugal)⁵. Não é este o lugar para relatar a guerra cántabro-asture, objecto de muitas controvérsias entre diversos autores no que se refere à localização geográfica e identificação actual dos lugares onde se desenvolveram as operações militares⁶.

³ Floro II 33, 46-47; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 6.

⁴ SOLANA SAINZ, J. M. – *El proceso de anexión del territorio de Palencia y su integración en la provincia Hispania Citerior*. In «Actas del II Congreso de Historia de Palencia». Palencia, 1990. p. 605.

⁵ SCHULTEN, A. – *Los cántabros y los astures y su guerra con Roma*. Madrid, 1962. p. 150-151; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 606.

⁶ Entre os autores clássicos que falam delas temos Floro (II 33, 46-60), Estrabão (III 4, 17-18), Suetônio (Augusto XXIX, LXXXI) Dión Casio (LIII 25, 5-8; 26, 1; 29, 1-2; LIV 5, 1-3; LVI 43, 3), Orosio (VI 21, 3-10), Jordanes (212, 249). Entre os autores modernos que se ocuparam das guerras cántabro-astures temos MAGIE, D. – *Augustus' War in Spain (26-25 B.C.)*. «Classical Philology» XV (1920); SYME, R. – *The Spanish War of Augustus (26-25 B.C.)*. «American Journal of Philology» 55-4 (1934); SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*; SCHMITTHENNER, W. – *Augustus spanischer Feldzug und den Prinzipat*. «Historia». 11 (1962); BRANCATI, A. – *Augusto e la guerra di Spagna*. Urbino, 1963; SYME, R. – *The Roman Conquest of North-West Spain*. In «Legio VII Gemina». León, 1970; DIEGO SANTOS, F. – *Die Integration Nord-und Nordwestspanien als römische Provinzen der Reichspolitik des Augustus*. In «Aufstieg und Niedergang der Römische Welt». Berlim-Nova Iorque. II – 3 (1975); LOMAS, F. J. – *Asturia prerromana y altoimperial*. Sevilha, 1975; DIEGO SANTOS, F. – *Historia de Asturias. III: Asturias romana y visigoda*. Vitoria, 1977; RODRÍGUEZ COLMENERO, A. – *Augusto e Hispania. Conquista y organización del norte peninsular*. Deusto, 1979; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*. In «Historia de Cantabria». Santander, 1981. vol. I; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...* SOLANA SAINZ, J. M. – *Los cántabros y la ciudad de Iuliobriga*. Santander, 1981; LE ROUX, P. – *L'armée romaine et l'organisation des provinces Ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*. Paris, 1982; MARTINO, E. – *Roma contra cántabros y astures. Nueva lectura de las fuentes*. Santander, 1982; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Cantabria Antigua*. Santander, 1986; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*. Santander, 1993.

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

Mesmo antes de Actium só havia duas legiões (pelo menos identificadas) na Península Ibérica e ambas na província *Ulterior*: a *XX* e a *XXX*⁷. Outra legião, a *XXVIII*, passou parte da década de 30 a. C. também na *Ulterior*⁸. Tendo em conta que as legiões *XXVIII* e *XXX* não sobreviveram à organização militar de Augusto e foram dissolvidas⁹, as operações contra cántabros, astures e galaicos, dirigidas durante os anos 26-25 a. C. por Augusto em pessoa, necessitavam de mais tropas e acabaram implicando um total de sete ou oito legiões¹⁰. Vindas do Sul da *Gallia*, onde tinham intervindo na submissão definitiva da *Aquitania*, chegaram a *I Augusta*¹¹, a *IV Macedonica*¹², a *IX Macedonica* (a posterior *IX Hispana*)¹³; de

⁷ LE ROUX, P. – *L'armée ...*, p. 50-51, 59; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 40.

⁸ AE 1924, 55.

⁹ Augusto Res Gestae 3, 16; RITTERLING, E. – *Legio*. In «Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft». Stuttgart, 1995. vol. XII, coluna 1821; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército romano. Contribución a la historia social de la España*. Salamanca, 1974, p. 209; KOS, M. – *The Military Role of Macedonia from the Civil War to the Establishment of the Moesian Limes*. In «Limes. Akten des XI Internationales Limeskongressen Székéfehervár 1976». Budapest, 1977. p. 281.

¹⁰ Nem todas as legiões participaram desde o início da guerra. Porém, não há unanimidade entre os autores quando se trata de assinalar o ritmo segundo o qual estas se foram incorporando nas operações contra os montanheses.

¹¹ SYME, R. – *The Conquest ...* p. 104; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'* ... p. 116; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército....* p. 188-189; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J.; SOLANA SAINZ, J. M. – *La legión IV Macedónica en España*. 1975. vol. V, p. 184; JONES, R. F. L. – *The Roman Military Occupation of North-West Spain*. «Journal of Roman Studies». 66 (1976), p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército ...* p. 32; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 27; SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 120; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 61.; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Cantabria Antigua*, p. 106; LE BOHEC, Y. – *La Troisième Légion Auguste*. Paris, 1986, p. 337; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145. É possível que a história desta legião remonte à *legio I* que Pompeu emprestou a César no ano 53 a. C. para a sua guerra na *Gallia* (César B. G. VI 1), parecendo ter continuidade na *legio I* que Octávio alinhou contra Sex. Pompeius no ano 36 a. C. (Appiano V 112). Depois de receber o nome de *Augusta*, não antes de Janeiro de 27 a. C. (quando o mesmo Augusto o recebeu do Senado romano), seria trasladada para a Península Ibérica.

¹² RITTERLING, R. – *Legio*. col. 1550; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 116, 119; SCHULTEN, A. – *Los cántabros*, p. 202; SYME, R. – *The conquest ...*, p. 104; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 194; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica...*, p. 152, 183-184, 198; JONES, R. F. J. – *The roman military occupation...*, p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 219; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 34-35; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 29, 30; SOLANA, J. M. – *Los cántabros*, p. 120; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 61; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 619. A legião *IV Macedonica* remonta, na sua origem, à guerra civil entre César e os partidários de Pompeu (na facção de César) e após uma breve passagem pelo exército de Marco António, em 44 a. C., passa a figurar, desde Novembro desse mesmo ano, nas fileiras de Octávio. Ganhou a designação *Macedonica* pela sua intervenção na guerra contra os assassinos de César em Outubro-Novembro do ano 42 a. C., na *Macedonia*.

¹³ RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1222, 1644; GARCÍA Y BELLIDO, A – *El «exercitus hispanicus»...*, p. 116; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 204; SYME, R. – *The Conquest...*, p. 104; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica...*, p. 184; JONES, R. F. J. – *The Roman Military*

*Italia, a V Alaudae*¹⁴ e, de procedência desconhecida, a *II Augusta*¹⁵, a *VI Macedonica* (a posterior *VI Victrix*)¹⁶ e a *X Gemina*¹⁷. A oitava legião – a anteriormente mencionada *legio XX* (a posterior *XX Valeria*) – é que põe mais dúvidas quanto à sua implicação na guerra. Dela não sabemos com segurança se incorporou as operações contra os cántabros e astures; no entanto, como já vimos, sabemos da sua estadia na Península Ibérica na década de 30 a. C., onde teria lutado contra

Occupation..., p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – Las guerras cántabras, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – El ejército..., p. 42; SANTOS YANGUAS, N. – La conquista..., p. 27, 37; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – Los cántabros, p. 145. Esta unidade é proveniente da *legio IX* que combateu com César na sua guerra da *Gallia*; depois de ser dissolvida no ano 46 a. C., foi refeita por Octávio, dois anos depois, para enfrentar o seu rival Marco António. O sobrenome de *Macedonica* ganhou-o, tal como a *IV* e *VI* pelas suas actuações nas batalhas de *Philippi*, na *Macedonia*, em Outubro-Novembro de 42 a. C., contra as forças reunidas pelos assassinos de César (CAGNAT, R. – *Legio*. In «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines» vol. III. Paris, 1979-1919, p. 1084; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército..., p. 205*).

¹⁴ CIL IX 1.460; RITTERLING, R. – *Legio*. col. 1566; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 116, 120; SCHULTEN, A. – *Los cántabros..., p. 204; SYME, R. – The Conquest ..., p. 104; JONES, R. F. J. – The Roman Military Occupation..., p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – Las guerras cántabras, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – El ejército..., p. 39; SANTOS YANGUAS, N. – La conquista..., p. 27, 34; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – Los cántabros, p. 145.* Esta legião tem a sua origem nas guerras gálicas de César, recrutada com gauleses sem cidadania romana até que, no ano 47 a. C., o seu líder a converteu na *iusta legio*, o que implicava a concessão da cidadania (Suetônio, César XXIV). Mais adiante pertenceu ao exército de Marco António e, depois da derrota deste em *Actium* no ano 31 a. C., passou a integrar-se no exército do ainda chamado Octávio. Depois de ser reorganizada, na região da *Liguria* (no Norte de Itália), foi transferida para a *Hispania*.

¹⁵ RITTERLING, E. – *Legio*. col. 1458; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 116; SCHULTEN, A. – *Los cántabros..., p. 204; SYME, R. – The Conquest..., p. 104; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – Hispania y el ejército..., p. 193; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – La legión IV Macedonica ..., p. 184; JONES, R. F. J. – The Roman Military Occupation..., p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – Las guerras cántabras, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – El ejército..., p. 42; SANTOS YANGUAS, N. – La conquista..., p. 27, 29; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; SANTOS YANGUAS, N. – El ejército..., p. 33; SOLANA, J. M. – Los cántabros..., p. 120; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; LE BOHEC, Y. – La Troisième..., p. 337; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – Los cántabros, p. 145.* A *II Augusta* é uma legião que foi recrutada durante as guerras civis, ou nas que houve entre César e partidários de Pompeu (49-45 a.C.) ou, mais provavelmente ainda, nas que disputaram, entre 43 e 31 a. C., os membros do II Triunvirato.

¹⁶ GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 116; SCHULTEN, A. – *Los cántabros..., p. 203; SYME, R. – The Conquest ..., p. 104; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – La legión IV Macedonica..., p. 184; JONES, R. F. J. – The Roman Military Occupation..., p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – Las guerras cántabras, p. 219; SANTOS YANGUAS, N. – El ejército..., p. 40; SANTOS YANGUAS, N. – La conquista..., p. 27, 36; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – Los cántabros, p. 145.* Esta unidade tem origem num recrutamento realizado por Octávio no ano 44 ou 43 a. C. em que se reincorporaram alguns antigos soldados da *legio VI* de César, dissolvida algum tempo atrás e por cuja influência esta unidade recebeu o número *VI*. O nome de *Macedonica* ganhou-o na *Macedonia* em 43 a. C., por pertencer ao exército dos membros do II Triunvirato em guerra contra as tropas reunidas pelos assassinos de César (CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1083; RITTERLING, E. – *Legio*, col. 1369-1370).

¹⁷ SYME, R. – *The Conquest..., p. 104; GARCÍA Y BELLIDO, A. – El 'exercitus hispanicus'*..., p. 116; SCHULTEN, A. – *Los cántabros..., p. 203; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – La legión IV*

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

os lusitanos¹⁸. Tendo em conta que as legiões mantinham um efectivo teórico de uns 5.500 homens¹⁹ e que o número de legionários era completado por um contingente similar de auxiliares, o efectivo total das tropas que enfrentaram as tribos do noroeste hispânico foi de 77.000 a 88.000 soldados.

As legiões combateram enquadradas em duas frentes: a oriental²⁰, contra os cántabros, e a ocidental²¹, contra os astures e galaicos, a primeira dirigida pelo

*Macedonica..., p. 184; JONES, R. F. J. – The Roman Military Occupation ..., p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – Las guerras cántabras, p. 219; SANTOS YANGUAS, N. – La conquista..., p. 27, 39; LE ROUX, P. – L'armée..., p. 61; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – Los cántabros, p. 145. J. Kos y A. Semrov (*Roman Imperial Coins and Countermarks of the 1st Century, Augustus-Traianus*, Liubliana, 1995, p. 62) acham que esta legião já se encontrava na Hispania no ano 30 a. C., tendo chegado directamente do Oriente, onde havia servido com Marco António. Esta legião tem a sua origem na famosa legio X de César, que com ele combateu na Gallia e que tinha o nome Equestris devido a um episódio da mesma guerra (César BG I 42). Também combateu com ele na guerra civil contra os apoiantes de Pompeu e foi dissolvida com todas as honras em 46 a. C., sendo refeita por breves momentos no ano seguinte e voltada a dissolver depois de participar na batalha de Munda (Montilla, Córdova, Espanha), com o seu tradicional líder. Reconstituída em 43 a. C. por M. Aemilius Lepidus com antigos veteranos mal adaptados à vida civil e com novos recrutas, terminou servindo no exército de Marco António. Depois da derrota deste, Octávio inclui-a entre as suas tropas, voltando a fundi-la com alguma outra legião, donde lhe vem o sobrenome de Gemina (sobre as legiões *Geminæ*, cf. BIRLEY, E. – A note on the title 'Gemina'. «Journal of Roman Studies», 18 (1928).*

¹⁸ RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1769; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'* desde Augusto a Vespasiano. «Archivo Español de Arqueología». vol. 34, nº 103 e 104 (1961), p. 115; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 208; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica..., p. 198; Santos Yanguas, N. – El ejército..., p. 46; Santos Yanguas, N. – La conquista..., p. 41; Le Roux, P. – L'armée..., p. 59, 63* (este considera a sua participação como muito provável); GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145. Esta legião tem a sua origem numa das unidades recrutadas por César em 49 a. C. para a sua guerra civil contra Pompeu e que, após a morte do seu recrutador, passou a integrar-se entre as tropas do seu sobrinho neto, Octávio. Posteriormente, no ano 6 d. C., esta legião ganhou o seu nome de *Valeria* em honra a *M. Valerius Messalla Messallinus*, o seu *legatus*, que a dirigiu com grande perícia numa operação delicada durante a repressão da revolta dalmato-panónica, dos anos 6-9 d. C.

¹⁹ Terá sido possivelmente nesta época que, em toda a história militar romana, os efectivos reais das legiões se aproximaram mais dos efectivos teóricos. Quando Octávio se tinha outorgado o poder total no Império, no ano 31 a. C., tinham ficado às suas ordens, procedentes das guerras civis, mais de 60 legiões (LUTTWAK, E. N. – *The Grand Strategy of the Roman Empire from the First Century A. D. to the Third*. Baltimore, 1976, p. 17). Na reorganização militar subsequente, reduziu-as para 28, pelo que não teria sentido que, tendo tantos soldados à sua disposição, deixasse as legiões com um número inferior de efectivos teóricos. Considerando um caso mais concreto, o das legiões chamadas *Geminæ* (la X, la XIII y la XIV, formadas a partir da fusão de duas legiões), seria absurdo que, ao voltar a fundir duas legiões (a não ser que estas estivessem muito, muito debilitadas), os efectivos da nova unidade não chegassem aos 5.500. Neste ponto a minha opinião é diferente da de E. Van den Eyde Ceruti (*Las guerras cántabras*, p. 219) que pensa que as unidades legionárias não estariam completas.

²⁰ ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 189, 193; SOLANA, J. M. – *Los cántabros*, p. 123; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145; SOLANA, J. M. – *El proceso ...*, p. 608, 616.

²¹ RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1566, 1678; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'...*, p. 127; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y ejército...*, p. 198, 199, 200, 206; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 39, 43; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 34, 39; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145.

governador da *Hispania Citerior Tarraconensis*, com a *I Augusta*, a *II Augusta*, a *IV Macedonica* e talvez a *IX Macedonica*, e a segunda pelo governador da *Hispania Ulterior Lusitania*, com a *V Alaudae*, a *VI Macedonica* e a *X Gemina*. No que respeita à *XX*, se é que realmente interveio neste guerra, poder-se-ia aventurar que combateu na frente ocidental (seriam então quatro legiões por governador). Porém, ao carecer de confirmação a sua presença nas guerras de Augusto na Península, seria demasiado arriscado afirmá-lo peremptoriamente. Durante a guerra, duas das legiões participantes ganhariam denominações relativas à sua participação na mesma e que, daí em diante, seriam a sua identificação. Assim as legiões *VI* e *IX Macedonicae*, converteram-se respectivamente na *VI Victrix*²² e na *IX Hispana*²³. Outra, pelo contrário, perdeu o seu sobrenome de *Augusta*. Esta unidade foi identificada com a *I Augusta*, castigada com tal ignomínia pelo genro e general de Augusto, *M. Vipsanius Agripa*, que estava no comando das operações quando, no ano 20 ou 10 a. C., a *legio I* se deixou surpreender pelos cátabros e sofreu uma vergonhosa derrota que incluiu a perda da sua insígnia legionária (a águia), recuperada em pouco tempo por Agripa²⁴. Inclusivamente, é possível que tenha sido dissolvida como consequência desse facto²⁵.

Como já foi dito anteriormente, durante as campanhas os romanos apoiaram-se sempre no vale do Douro e era lá que estavam instalados os acampamentos de Inverno das legiões participantes na guerra, dos quais se conhecem ou se conjecturam alguns. No ano de 26 a. C., a *I Augusta* estava acantonada nas cercanias de Segisamo (Sasamón, Burgos, Espanha) e nesse acampamento esteve instalado o posto de comando de Augusto na época em que este dirigiu a guerra a partir da mesma frente de batalha²⁶. Também por Segisamo passou durante algum tempo a *IV Macedonica*²⁷ e por aquele acampamento é possível que tenha passado também

²² CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1083; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1599; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 203; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 221.

²³ CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1084; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1222, 1664; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 43. P. Le Roux (*L'armée...*, p. 63) tem outra explicação para a origem da denominação *Hispana* e sugere como causa do mesmo um recrutamento provincial.

²⁴ Augusto *Res Gestae* 29; Dión Casio LIV 11, 5; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'* ..., p. 117; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 190; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 32, 33; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 27; SOLANA, J. M. – *Los cántabros ...*, p. 87, 118, 120; KEPPIE, L. F. J. – *The Making of Roman Army from Republic to Empire*. Londres, 1985, p. 138, 157; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 156; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 615.

²⁵ SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 204. A. García y Bellido (*El 'exercitus hispanicus'* ... p. 117) não pensa da mesma forma. Pela sua parte, J. M. Solana (*El proceso...*, p. 616) pensa que, se esta realmente desapareceu, pode ter sido devido ao grande número de baixas sofridas na guerra.

²⁶ Floro II 33, 48; Orosio VI 21, 3; SOLANA, J. M. – *Los cántabros ...*, p. 87, 121; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 618.

²⁷ CARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'* ..., p. 119; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p.

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

a II Augusta²⁸. No ano de 25 a. C., a V Alaudae estava em Praetorium (Bretó, Zamora), na zona entre as actuais localidades espanholas de Astorga, León e Benavente²⁹; na Asturica Augusta estava a X Gemina³⁰ e a VI Victrix poderia estar em Bracara Augusta (Braga; Portugal)³¹. É possível que na actual localidade de Castrecias (Burgos) estivesse algum dos acampamentos da IX Macedonica (*Hispana*)³², o que corroboraria a teoria de que esta actuou na frente oriental.

Terminada a guerra, a zona ocidental das operações (galaicos e astures) foi atribuída à província de Lusitania e, portanto, as autoridades militares ali estacionadas ficaram sob o controlo do seu *legatus Augusti pro praetore*, residente em Emerita Augusta (Mérida, Badajoz, Espanha)³³, enquanto que o território oriental, o dos cántabros, foi atribuído à Tarraconensis, e unidades militares ali aquarteladas passaram a depender do seu governador, instalado em Tarraco (Tarragona, Espanha).

No entanto, uma reorganização das fronteiras provinciais, levada a cabo em data desconhecida, entre os anos 16 e 13 a. C. ou 13 e 6 a. C., fez com que os distritos astures e galaicos fossem reatribuídos, desta vez à Tarraconensis, tendo como consequência que a Hispania Ulterior Lusitania, que continuava a ocupar os territórios a Sudoeste do vale do Douro, a Sul do dito rio, se convertesse numa província *inermis* (sem guarnição militar) e que a Tarraconensis passasse a albergar desde então todas as legiões do *exercitus hispanicus*³⁴.

205; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica*, p. 193-194; PÉREZ GONZALEZ, C.; ARANA MONTES, M. e PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca: desde sus orígenes a los visigodos*. 1981 (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 45) p. 145, 156; SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 88; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 145. J. M. Roldán Hervás (*Hispania y el ejército...*, p. 196) tem as suas dúvidas.

²⁸ Existe esta possibilidade, já que a II Augusta operou durante a guerra emparelhada com a I Augusta (SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 32).

²⁹ SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 40.

³⁰ PASTOR MUÑOZ, M. – *Asturica Augusta ¿fundación de Augusto?*. In «Symposium de Ciudades Augusteas». Zaragoza, 1976. II, p. 71; SOLANA SAINZ, J. M. – *Centros urbanos y administración del territorio en la submeseta septentrional de Hispania (s. I-II d.C.)*. «*Hispania Antiqua*». XVII (1993), p. 179. Há discussões sobre a localização nesta altura da X Gemina. Assim, A. García y Bellido (*El 'exercitus hispanicus'...* p. 129) pensa que a legião se manteve em reserva nas cercanias do rio Anas (o Guadiana), mantendo sob vigia, ao mesmo tempo, os lusitanos. A. Schulten (*Los cántabros...*, p. 205) e A. Balil (*Bracara Augusta y el Conventus Bracarus*. In «*La Romanización de Galicia*». La Coruña: F. Acuña, Ed., 1976 (Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos; 16), p. 49 mencionam a possibilidade do acampamento ter estado instalado em Bracara Augusta. J. González Echegaray (*Los cántabros*, p. 152) pensa que, no máximo, aí estaria um destacamento da X. Schulten (*ibidem*) é de opinião que na Asturica estaria a VI Victrix.

³¹ GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 125.

³² SOLANA, J. M. – *Los cántabros ...*, p. 87, 141-142; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 618-619. J. M. Gamarra Caballero (*El alto valle del Pisuerga en época romana*. 1988. Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 59. p. 277-278) apesar de citar Solana, não está de acordo com a localização desta legião neste acampamento,

³³ Que precisamente tinha sido fundada no ano 25 a. C. com veteranos das guerras cántabro-astures.

³⁴ Sobre a reorganização das fronteiras entre a Tarraconensis e a Lusitania, cfr. SYME, R. – *The con-*

O número destas legiões diminuiu em relação ao que havia combatido na guerra. Ao passar de exército de combate para exército de ocupação, a necessidade de legiões não era tanta, enquanto noutras frentes do Império reclamavam reforços legionários com urgência³⁵. Assim, mal terminou a guerra, a I ex-Augusta e a V Alaudae foram trasladadas para as terras do Reno³⁶ enquanto a IX Hispana e a XX (se é que esta, na realidade, esteve aqui nesses momentos) viram os seus serviços reclamados no Illyricum³⁷. Ficaram, portanto, quatro legiões na Hispania, das quais três instaladas no vale do Douro: a IV Macedonica em Segisamo e, a partir do ano 13 a. C., em Pisoraca (Herrera de Pisuerga, Palencia, Espanha)³⁸ e a

quest..., p. 104; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 193, 195, 199 e SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 71 e seg.

³⁵ Eram os momentos em que se projectava a anexação das terras alpinas, do alto vale do Danúbio e da Germania até ao Elba.

³⁶ CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1081; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1567, 1571-1572; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'...*, p. 123; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 204; SYME, R. – *The Conquest...*, p. 104; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 48; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 35; SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 120; TREVIÑO, R. e MacBRIDE, A. – *Rome Ennemis (4): Spanish Armies 218 B.C.- 19 B.C.* Londres, 1986. p. 12. A V Alaudae tinha sido identificada com a legio V que, segundo Veleyo Patérculo (II 97, 1) e Dión Casio (LIV 20, 4), foi derrotada pelos germanos em 17 a. C., quando estava sob as ordens de M. Lollius.

³⁷ RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1665, 1770; SCHULTEN, A. – *Los cántabros ...*, p. 204; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus' ...*, p. 125; SYME, R. – *The Conquest ...*, p. 104; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y ejército*, p. 205, 208; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 38; SOLANA, J. M. – *Los cántabros ...*, p. 88. Antes de chegar ao Illyricum, a legio XX passou uns anos no Norte de Itália, onde, em 16 a. C. contribuiu para derrotar uma incursão das tribos panólicas (LIBERATI, A. M. e SILVERIO, F. – *Organizzazione militare: Esercito*. Roma, 1988, p. 89). Também a IX Hispana passou um tempo no Norte de Itália antes de chegar ao Illyricum (RITTERLING, Emil – *Zur Geschichte des römischen Heeres in Gallien unter Augustus*. «Bonner Jahrbücher». 114 (1906), p. 158, n. 1) pelo que seguramente participaria com a XX na mencionada campanha.

³⁸ GARCÍA Y BELLIDO, A.; FERNÁNDEZ DE ANDRÉS, A.; BALIL, A. e VIGIL, M. – *Memoria de las excavaciones arqueológicas, efectuadas en Herrera de Pisuerga*. 1961 (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 22) p. 87; FORNI, G. – *L'occupazione militare dell' Spagna nor-occidentale: analogie e parallel*i. In «*Legio VII Gemina*». León, 1970, p. 211; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica...*, p. 197; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 50; PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ARANA MONTES, M. e PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca...*, p. 145-147, 156, 158-160; SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 88, 91, 121; GAMARRA CABALLERO, J. M. – *El alto valle del Pisuerga ...*, p. 262, 263, 277; SOLANA, J. M. – *El proceso ...*, p. 611, 612, 625; PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ILLARREGUI, E. e FERNÁNDEZ, C. – *Pisoraca. Un interesante conjunto de yacimientos arqueológicos*. «*Revista de Arqueología*». 120 (Abril 1991) p. 18, 24, 25; SOLANA, J. M. – *Centros urbanos ...*, p. 173, 178; MOREDA BLANCO, J.; MARTÍN SERNA, M. e HERREROS VENTOSA, M. L. – *Hallazgos monetarios en Herrera de Pisuerga (Palencia)*. In «*Actas del III Congreso de Historia de Palencia*». Palencia, 1995, p. 243.

Segisama, uma vez abandonado pela legião, converteu-se num núcleo civil (SOLANA, J. M. – *ibidem*, p. 119); CARRETERO VAQUERO, S. – *Los campamentos romanos y su implantación en España*. In «*La guerra en la Antigüedad. Una aproximación al origen de los ejércitos en Hispania*». Madrid, 1997, p. 342. Sobre o acampamento da IV em Pisoraca é muito significativo que aí

VI Victrix e a X Gemina nas cercanias de Asturica Augusta num acampamento duplo ou em dois muito próximos, tanto que até tinham oficiais comuns, incluindo o *legatus legionis*³⁹.

Se, efectivamente, as duas legiões partilharam o acampamento, elas tiveram também o mesmo *praefectus castrorum*, já que só havia um destes oficiais por acantonamento legionário, ainda que este fosse duplo⁴⁰. O acampamento da última das legiões hispânicas, a *II Augusta*, estava situado em *Iuliobriga* (Retortillo, Cantábria, Espanha), no alto vale do Ebro⁴¹. Nos últimos anos do império de Augusto, a organização legionária da *Hispania* sofreu algumas modificações. Em primeiro lugar, a guarnição ficou reduzida a três legiões, dado que o desastre

aparecessem numerosos restos de cerâmica com o nome de *L. Terentius*, que foi durante algum tempo o chefe de ceramistas da unidade (cfr. GARCÍA Y BELLIDO, A.; FERNÁNDEZ DE ANDRÉS, A.; BALIL, A. e VIGIL, M. – *Memoria...*, p. 49 e seg. e GARCÍA Y BELLIDO, A. – *L. Terentius, figlinarius en Hispania de la Legio IV Macedonica*. In «*Hommages a León Herrman*». Bruxelas, 1966). Antes da instalação nesse local da *IV Macedonica* parece que já um destacamento de cavalaria da unidade tinha aí os seus quartéis em *Pisoraca* (PÉREZ GONZÁLEZ, C., ILLARREGUI, E. e FERNÁNDEZ, C. – *Pisoraca...*, p. 24), quiçá desde data tão antiga como 25 a. C.

³⁹ Estrabão, *Geografía* III 4, 20; CIL IX 4.122=ILS 2.644; CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1085; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1600, 1679, 1680; SCHULTEN, A. – *Los cántabros*, p. 214; SYME, R. – *The Conquest ...*, p. 105; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 200, 206; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation ...*, p. 50, 51; SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 122; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército como factor de romanización en Asturias*. In «*Indigenismo y romanización en el Conventus Asturum*». Madrid-Oviedo, 1983, p. 6. J. González Echegaray pensa que o duplo acampamento estaria perto do que logo seria acampamento individual da *X Gemina*, em *Petavonium* (nas proximidades de Rosinos de Vidriales, Zamora, Espanha). E. Martino (*León y las legiones*. León, 1992, p. 55-57, 60, 95, 96) pensa que as unidades legionárias que compartilharam acampamento foram a *V Alaudae* e a *X Gemina*, precisamente no que logo seria León e que, quando a primeira delas marchou para a *Germania*, alguns anos depois do fim da guerra, o seu lugar teria sido ocupado pela *VI Victrix*. Sobre o assunto do acampamento duplo, se bem que parecem incontestáveis as palavras de Estrabão (*ibidem*) no sentido de que as duas legiões estacionadas na frente asturiana depois da guerra tivessem o mesmo legado, isto não quer necessariamente dizer que tivessem estado as duas acantonadas num mesmo lugar. Além disso, pode ter acontecido que, nestes primeiros passos do novo sistema provincial, ainda a necessitar de ajustes, tenha ocorrido que o governador da província, da mesma forma que sucedia nas províncias senatoriais de *Africa* e *Asia*, tivesse às suas ordens vários *legati* que, por sua vez, mandavam nos *legati legiones*, um por legião. Ultimamente (JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y evolución de la legio X Gemina*. Valladolid, 1996, p. 204 [tese de doutoramento]) novas interpretações das fontes epigráficas parecem pôr em dúvida que estas duas legiões tenham acampado juntas. A outra menção que chegou até nós de oficiais comuns às duas unidades é a recolhida em CIL IX 4.122 (= ILS 2.644), segundo a qual um tal *Sabidius* terá sido simultaneamente *centurio princeps prior* na *VI Victrix* e *centurio primus pilus* na *X Gemina*, o que, a ser verdade, implicaria um muito próximo aquartelamento das duas unidades. No entanto, o mencionado A. Jimenez de Furundarena pensa que o desempenho dos cargos não foi simultâneo, mas sim sucessivo e que *Sabidius*, enquanto cumpria com as suas obrigações na *VI Victrix*, foi designado *primus pilus* da *X Gemina*; porém, não deve ter tomado posse do seu novo grau enquanto deste não saiu a pessoa que até aí o vinha desempenhando (o cargo de *centurio primus pilus* de uma legião era desempenhado durante um ano).

⁴⁰ MARÍN Y PEÑA, M. – *Instituciones militares romanas*. Madrid, 1956. p. 124.

⁴¹ SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 618. É possível que já aqui estivesse ainda antes de terminadas as operações (SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 87).

sofrido em Setembro do ano 9 d. C., no bosque de Teutoburgium pelo governador P. Quintilius Varus⁴², originou que, nesse mesmo ano, a II Augusta partisse precipitadamente para a Germania⁴³. Pode ter sido também por esses anos (não se conhece o momento exacto) que a VI Victrix e a X Gemina separaram os seus aquartelamentos, instalando-se a primeira no acampamento que, mais tarde, daria origem à actual cidade espanhola de León⁴⁴, e a segunda no de Petavonium (nas cercanias de Rosinos de Vidriales, Zamora, Espanha)⁴⁵.

Durante as guerras cántabro-astures, a Hispania entrou num longo período militarmente tranquilo (excepto uns pequenos distúrbios no ano 16 a. C.⁴⁶) e as unidades militares ali destacadas converteram-se num exército de ocupação com missões bastante diferentes das que naquele mesmo momento levavam a cabo as legiões e unidades de auxiliares nas sempre inquietas frentes do Reno e do

⁴² Com a perda das legiões XVII, XVIII e XIX, assim como de três *alae* e seis *cohortes* auxiliares.

⁴³ RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1458; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 119; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 204; SYME, R. – *The Conquest...*, p. 104; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 34; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 29. Segundo J. M. Roldán Hervás (*Hispania y el ejército...*, p. 193), a partida da II Augusta para a Germania deveria ser situada entre os anos 16-13 a. C., provavelmente em relação com a reordenação de fronteiras entre a Tarraconensis e a Lusitania, que ele situa nesses anos. J. M. Solana (*Los cántabros...*, p. 88, 119, 120) pensa que, efectivamente, terá sido nessas datas que ela abandonou a frente cantábrica, porém não para ir para a Germania, mas sim para se trasladar para a Hispania Ulterior (Baetica ou Lusitania ?) e que só no ano 9 ou 10 d. C. terá sido trasladada para a Germania. Noutro artigo posterior (*El proceso...*, p. 616), Solana aproxima-se da teoria de Roldán, situando a saída da II Augusta da Península Ibérica nos anos 15-14 a. C.

⁴⁴ Segundo N. Santos Yanguas (*El ejército ...*, p. 41), o acampamento da VI Victrix estaria nas proximidades de Asturica Augusta ou na rota de uma das duas vias que ligavam esta localidade a Bracara Augusta (Braga, Portugal) ou a Lucus Augusti (Lugo, Espanha). Não obstante, o recente achado de cerâmica do período Júlio-Cláudio em León, acampamento da *legio* VII Gemina desde o ano 74 d. C, leva-nos a pensar que aí esteve também o acantonamento da VI Victrix e que a VII Gemina não faria mais que reutilizar um velho aquartelamento, como era prática comum no Império. Por outro lado, se a situação estratégica de León em relação aos astures e para controlar as minas de metais preciosos era evidente no ano 74, por que não o seria uns anos antes? Isto é tão evidente que inclusivamente antes que aparecessem provas materiais já muitos autores o tinham intuído ou afirmado. Entre eles, GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 125; MARCETTI, M. – *Hispania*. In «Dizionario Epigrafico di Antichità Romane». Roma, 1962, III, p. 820; ALFÖLDY, G. – *Fasti Hispanienses. Senatorische Reichsbeamte und Offiziere in den spanischen Provinzen des römischen Reiches von Augustus bis Diokletian*. Wiesbaden, 1969, p. 115; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 51; DIEGO SANTOS, F. – *Historia de Asturias (III): Asturias romana y visigoda*. Vitoria, 1977, p. 54; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 106-107, 135; JIMÉNEZ DE FURUNDA-RENA, A. – *Los términos castrum, castra, castellum en la Hispania romana*. Valladolid, 1992, p. 97, n. 137 (memória de licenciatura inédita); SOLANA, J. M. – *Centros urbanos ...*, p. 163, 178-179; CARRETERO VAQUERO, S. – *Los campamentos ...*, p. 343.

⁴⁵ SYME, R. – *The Roman Conquest ...*, p. 105; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército ...*, p. 206; MARTÍN VALLS, R. e DELIBES DE CASTRO, G. – *Sobre los campamentos de Petavonium*. Valladolid, 1976, p. 6; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 105; CARRETERO VAQUERO, S. – *Petavonium. Historia de dos campamentos romanos*. «Revista de Arqueología» 125 (Set. 1991), p. 30, 31; SOLANA, J. M. – *Centros urbanos ...*, p. 163, 178-179.

⁴⁶ GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 160.

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

Danúbio. Não tendo praticamente nenhum inimigo (as tribos vencidas apenas ofereceram resistência a partir da sua derrota, à exceção da acção já mencionada do ano 16 a. C.), o exército legionário da *Hispania* converteu-se num importante factor de romanização numa zona que, como o vale do Douro e o Noroeste em geral, estava bastante alheia até então desse tipo de influências. Por outro lado, converteu-se numa espécie de exército de reserva ao qual se podia recorrer como viveiro de unidades quando as coisas se punham feias nas fronteiras exteriores do Império. Precisamente, a romanização da qual se falava há pouco contribuiu para dar a este *exercitus hispanicus* o seu carácter reservista, pois se as tribos vencidas em 19 a. C. tivessem continuado a mostrar-se hostis, não teria sido possível debilitar a guarnição da *Hispania* para reforçar outras.

Contudo, deve realçar-se que o envio de reforços da *Hispania* para guerras nas fronteiras imperiais na época júlio-cláudia se fez sempre na forma de unidades completas e que, uma vez saídas das suas bases hispânicas, nunca mais regressavam a elas. Nunca, nesta época, partiram os reforços na forma de destacamentos (*vexillationes*) para as guerras imperiais no Reno ou no Danúbio.

As missões das unidades legionárias instaladas no vale do Douro serão variadas: em primeiro lugar, naturalmente, controlar os recém submetidos cántabros e astures e reprimir qualquer possível tentação independentista⁴⁷. Neste sentido, das duas legiões das quais conhecemos com segurança a situação, temos a *IV Macedonica* que, a partir de *Pisoraca*, vigiava a passagem mais importante no centro da cordilheira cantábrica e das orlas meridionais da mesma⁴⁸ e a *X Gemina* que, a partir de *Petavonium*, mantinha a vigilância sobre as serras (Sierra Segunda, Sierra de la Cabrera e Montes de Léon) ao sul da dita cadeia montanhosa⁴⁹; a *VI Victrix*, a partir de Léon teria a seu cargo o controlo sobre a vertente sul das montanhas astúricas. Em segundo lugar, e não menos importante, tinham a missão de

⁴⁷ SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 123; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *La incidencia del ejército romano en el poblamiento del N.O. de Hispania*. In «Ejército y sociedad. Cinco estudios sobre el mundo antiguo». León: A. del Castillo Ed., 1986, p. 27. Para tal se colocavam *vexillationes* (destacamentos) legionários em lugares estratégicos, como o da *IV Macedonica* aquartelada em *Gigia* (Gijón, Asturias, Espanha) (FITA, F. – *Nuevas inscripciones romanas*. «Boletín de la Real Academia de la Historia» 46 (1905), p. 81; BERTRAND, I. – *Gijón y su II Milenario*. «Boletín del Instituto de Estudios Asturianos» 80 (1973), p. 614; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 33). F. Diego Santos [Epigrafía romana en Asturias. Oviedo, 1959, p. 182; *Historia de Asturias* (III), p. 54] nega-o e parece que não lhe falta razão, pois se vai abrindo caminho à convicção que Fita leu mal a inscrição epigráfica que, na realidade, não fazia referência a esta unidade mas unicamente a um nome pessoal (além disso, o tipo de letra é próprio do século II d. C.) ou os vários da *X Gemina* distribuídos por uma ampla zona do noroeste (ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército*, p. 206; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 44-45; JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y evolución...*, p. 440).

⁴⁸ ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 190; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército...*, p. 6.

⁴⁹ ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército...*, p. 6.

vigiar as ricas minas de metais preciosos da zona noroeste da Península⁵⁰. Também se ocupavam de vigiar e melhorar as comunicações viárias nas suas respectivas zonas de influência⁵¹, de escoltar comitivas e funcionários imperiais em viagem⁵², de exercer funções de policiamento⁵³, de fornecer pessoal para as oficinas imperiais nas capitais de província ou dos *conventus iuridici* das províncias hispânicas⁵⁴ e de ajudar os agentes encarregados do recrutamento de legionários e auxiliares⁵⁵. Nestes tempos, a participação das legiões hispânicas em campanhas militares reduziu-se ao envio de soldados para o Norte de África, no ano 40, quando Roma anexou como província o até então reino vassalo da Mauretania⁵⁶.

DIMINUIÇÃO DA GUARNIÇÃO LEGIONÁRIA

As três legiões de guarnição no vale do Douro vão ver-se reduzidas a duas nos inícios da década de 40, com o traslado para a base de *Mogontiacum* (Mainz [Maguncia], Alemanha), no distrito militar da *Germania Superior* da *IV Macedonica*⁵⁷. Se o traslado se realizou no ano 40, há que pô-lo em relação com as

⁵⁰ SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 123; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 120, 121; JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y evolución ...*, p. 440.

⁵¹ SOLANA, J. M. – *Los cántabros...*, p. 123; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 120; SOLANA, J. M. – *El proceso ...*, p. 622; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *La incidencia...*, p. 27, 28; JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y evolución...*, p. 440. A *IV Macedonica* construiu uma importante via militar entre *Pisoraca* e *Flaviobriga* (Castro Urdiales, Cantábria, Espanha), à beira do mar Cantábrico (AE 1981, 547; PÉREZ GONZÁLEZ, C. e ILLARREGUI GÓMEZ, E. – *Ideas sobre la romanización del mar Cantábrico*. Santiago de Chile, 1992, p. 14; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército romano en Hispania*. In «La guerra en la Antigüedad. Una aproximación al origen de los ejércitos en Hispania». Madrid, 1997, p. 324). As vias eram originalmente linhas de comunicação militares, porém muito depressa passaram a ser utilizadas para outros fins, como os derivados do comércio e da administração (ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército...*, p. 6 e seg.).

⁵² LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 120.

⁵³ Idem, ibidem.

⁵⁴ LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 120, 122. Naturalmente, no caso de se confirmar que este tipo de demarcações administrativas já estava organizado nesta época.

⁵⁵ LE ROUX, P. – *L'armée ...*, p. 120.

⁵⁶ CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1081; GONZALVES CRAVIOTO, E. – *El ejército romano de ocupación en Mauritania Tingitana en el siglo I*. «*Hispania Antiqua*» XX (1996), p. 258. Al parecer, la X Gemina acudi al completo (CAGNAT, R. – *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire de l'Afrique sous les empereurs*. Paris, 1913, p. 29; PARKER, H. M. D. – *The Roman Legions*. Cambridge, 1958 (reedição da de 1928), p. 128; CHAPELLE, F. de la – *L'expedition de Suetonius Paulinus dans le Sud-Est du Maroc*, «*Hesperis*» 18-19 (1934), p. 111; RACHET, M. – *Rome et les Berbères. Un problème militaire d'Auguste a Dioclétien*. Bruxelas, 1970, p. 129-130; MARCOS POUS, A. – *Inscripción cordobesa de un aquilifer*. «*Archivo de Prehistoria Levantina*» XVII (1987), p. 377; JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y la evolución ...*, p. 438), enquanto que da VI Victrix se supõe que acudiria algum contingente (MARCOS POUS, A., ibidem) e da *IV Macedonica* se sabe que interveio (RACHET, M., ibidem, p. 130, ainda que F. de La Chapelle [ibidem, p. 112] não esteja tão seguro) porém completa ou com um contingente? R. Cagnat (ibidem) pensa que era só uma *vexillatio* e que estava ao mando do tribuno *Iulius Fabius Camillus*.

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

presumíveis campanhas que o imperador C. Calígula pensava desencadear na Germania e na Britannia e que também motivaram a criação das legiões XV e XXII Primigeniae, campanhas que vieram a ser uma nova fantasia do transtornado imperador⁵⁸. Não obstante, se a passagem da IV Macedonica para a Germania se deu no ano de 42, esta estaria relacionada com os preparativos do imperador Cláudio para invadir a Britannia. Como a maioria das legiões seleccionadas para a operação pertenciam ao exército do Reno⁵⁹, a fronteira renana devia ser reforçada com unidades trazidas de outra zona do Império, e a Hispania era a única reserva disponível naquela altura.

Em data indeterminada da década de 50 (G. Forni⁶⁰ e P. Le Roux⁶¹ são mais precisos: entre o ano 55 e o ano 60; A García y Bellido⁶² apresenta datas parecidas, no entanto só como possíveis), soldados da VI Victrix, dirigidos pelo centurio primus pilus M. Vettius Valens, condecorado pela sua actuação, reprimiram uma tentativa de sublevação entre os astures, única notícia que temos de resistência armada à ocupação romana, o que nos demonstra que os antigos montanheses belicosos tinham acabado por se resignar à sua sorte⁶³ e aplacar o seu ardor bélico alistando-se nas numerosas unidades de auxiliares astures e cántabros que militavam no Exército romano.

⁵⁷ CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1081; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1551; CARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 120, 131; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 202; FORNI, G. – *L'occupazione ...*, p. 218; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 50; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 220; PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ARANA MONTES, M. e PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca...*, p. 160; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 35; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 31; SOLANA, J. M. – *Los cántabros ...*, p. 120; GONZÁLEZ, J. e SOLANA, J. M. – *La legión IV Macedonica...*, p. 152-153; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 85; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército...*, p. 9; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 160; GAMARRA CABALLERO, J. M. – *El alto valle del Pisuerga...*, p. 262; SOLANA, J. M. – *El proceso...*, p. 611, 619; SOLANA, J. M. – *Centros urbanos...*, p. 173, 178; MOREDA BLANCO, J.; MARTÍN SERNA, M. e HERREROS VENTOSA, M. L. – *Hallazgos...*, p. 243. Se o traslado se produziu antes do ano 43, o primeiro destino da IV Macedonica na Germania não seria Mogontiacum, que ainda estaria ocupado pelas legiões XIV Gemina e XVI Gallica, mas sim um acampamento adjacente situado a uns kms. a sudeste de Mogontiacum, na actual localidade alemã de Weisenau.

⁵⁸ Suetônio, *Calígula* XLV-XLVI.

⁵⁹ A este exército pertenciam as nossas conhecidas II Augusta, XX Valeria e XIV Gemina. A quarta das legiões seleccionadas para a invasão, a também nossa conhecida IX Hispana, pertencia até então ao exército da Pannonia. É curioso comprovar como três dessas legiões tinham passado por Hispania.

⁶⁰ FORNI, G. – *L'occupazione...*, p. 216.

⁶¹ LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 97.

⁶² GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'*..., p. 124;

⁶³ CIL XI 395 = ILS 2.648; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1567; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 203; JONES, R. F. T. – *The Roman Military Occupation...*, p. 46; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 41; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 36. Segundo R. Cagnat (*Legio*, p. 1083) essa campanha deu-se no ano 66, data que me parece demasiado tardia.

A VI VICTRIX, A ÚNICA LEGIÃO NO VALE DO DOURO

No ano de 63, novas necessidades militares fizeram com que a *Hispania* visse diminuída a sua guarnição legionária. Desde o ano 58 que se desenrolava no Oriente uma guerra contra os Partos que, em 62, exigiu o envio de reforços. Uma das legiões eleita foi a XV *Apollinaris*, até então acantonada na base danubiana de Carnutum (Deutsch-Altenburg, Áustria), na *Pannonia*. O seu acampamento ficou vazio até ao ano seguinte quando, vendo-se que o debilitamento da fronteira panónica era demasiado perigoso, a X *Gemina*, procedente de *Petavonium*⁶⁴, lá se instalou, ficando assim a VI *Victrix* como a única legião estacionada no vale do Douro e, por conseguinte, em Espanha⁶⁵.

Am Abril de 68, quando a legião estava sob as ordens do *legatus legionis* *T. Vinius Rufus*, soldados da VI *Victrix* destacados em *Clunia* (Peñalba de Castro, Burgos, Espanha), cabeça do *conventus Cluniensis*, reconheceram como imperador aquele que, até aí, era o governador provincial *L. Sulpicius Galba*⁶⁶, com cujo entronamento termina a dinastia Júlio-Cláudia⁶⁷. Pouco depois, a VI *Victrix* sairia de *Hispania* para não voltar, levando como recordação da sua estadia na Península Ibérica um novo sobrenome, o de *Hispana* ou *Hispaniensis*⁶⁸ que, embora nunca tenha chegado a substituir como designação principal a de *Victrix*, permaneceu na legião como sobrenome secundário.

A *Hispania* ficaria então sem guarnição legionária até que, no ano 74, foi trasladada para a actual León a legião VII *Gemina*⁶⁹.

⁶⁴ SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 203; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'...*, p. 127, 131; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 206-207; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 51; VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*, p. 221; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 45; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 39; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 85; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército...*, p. 9; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 160; SOLANA, J. M. – *El proceso ...*, p. 614; JIMÉNEZ DE FURUNDA-RENA, A. – *El origen y evolución...*, p. 39, 438, 475.

⁶⁵ GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'* ..., p. 124; SYME, R. – *The Conquest...*, p. 106; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército...*, p. 200; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 41; SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista...*, p. 36; LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 85; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 160.

⁶⁶ Ao aceder ao poder trocou o seu *praenomen* de *Lucius* pelo de *Servius* (Suetonio, *Galba* IV).

⁶⁷ Tácito, *Historias* V 16, 3; CAGNAT, R. – *Legio*, p. 1083; RITTERLING, R. – *Legio*, col. 1602; SCHULTEN, A. – *Los cántabros...*, p. 204; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'...*, p. 131; JONES, R. F. J. – *The Roman Military Occupation...*, p. 51; SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército...*, p. 41.

⁶⁸ RITTERLING, E. – *Legio*, col. 1369-1370; GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus'...*, p. 125; VAGLIERI, D. – *Hispana*. In «Dizionario Epigrafico di Antichità Romane». Roma, 1962. VI, p. 745.

⁶⁹ Esta unidade havia sido criada na *Hispania* por Galba no ano 68 para apoiar as suas pretensões ao trono. No início chamou-se VII *Galbiana*, tendo esse nome devido ao seu recrutador e esse número por que continuava o VI da VI *Victrix*, a única legião que Galba tinha às suas ordens até esse

OS ACAMPAMENTOS LEGIONÁRIOS

Como vimos nas linhas anteriores, os acampamentos das três legiões estacionadas no vale do Douro ficavam muito a norte da Submeseta Norte, nas cercanias da cordilheira Cantábrica. Como noutras partes do Império os acampamentos militares situavam-se na *Hispania* em posições estratégicas, fáceis de defender e de abastecer de víveres e água e costumavam estar rodeados de extensas áreas (os *prata legionis*) que, em tempo de paz, proviam a unidade com grande quantidade das suas necessidades de subsistência.

As duas legiões mais na vanguarda eram a *IV Macedonica*, com base em *Pisoraca* e a *VI Victrix*, com acampamento em *León*, enquanto que a terceira, a *X Gemina*, estava mais na rectaguarda, em *Petavonium*. O grau de conhecimento destes acampamentos é muito diferente. O único perfeitamente localizado, *Petavonium*, está ainda apenas escavado em comparação com a sua superfície total. *Pisoraca* deu origem, praticamente sem solução de continuidade, a uma localidade moderna, pelo que o conhecimento do acampamento é deficiente. Pelo contrário, *León*, ainda que também convertido em cidade moderna, é muito mais conhecido. O mal é que este melhor conhecimento se dá em relação aos níveis da *VII Gemina*, havendo necessidade de extrapolar muitos dados para fazermos ideia de como seria o acampamento da *VI Victrix*.

A *X Gemina* estava baseada em *Petavonium*⁷⁰, importante encruzilhada de caminhos que controlava a rota entre *Bracara* e *Asturica* e se encontrava perto das jazidas de minerais preciosos do Noroeste peninsular. *Petavonium* era um acampamento também de forma basicamente regular, com os cantos arredondados, com umas dimensões de 540 metros por 325 metros e, portanto, com uma superfície de 17,55 ha. Uns anos depois deste acantonamento ter sido abandonado pela *X Gemina*, já na época flávia, foi reocupado por uma unidade auxiliar, a ala *II Flavia Hispanorum civium romanorum*, que, ao ter muito menos efectivos que uma legião, e consequentemente com menor necessidade de espaço, reduziu a superfície ocupada para uns 4 ha.

De *León*⁷¹ conhecemos as características do acampamento posterior da *VII*

momento. Depois de passar pela *Itália* e pela *Pannonia*, sofreu fortes baixas durante a guerra civil do ano 69, o que levou Vespasiano, o imperador definitivo, a voltar a fundi-la com os restos de uma das legiões germânicas que tinha acabado de dissolver por grave indisciplina, a *I Germanica*, o que deu origem ao novo sobrenome da legião, *Gemina*. Depois de ter estado uns anos na *Germania Superior*, regressou à Península Ibérica.

⁷⁰ LE ROUX, P. – *L'armée...*, p. 105; CONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*, p. 152, n. 148; CARRETERO VAQUERO, S. – *Petavonium...*, p. 32; CARRETERO VAQUERO, S. – *Los campamentos...*, p. 342.

⁷¹ GARCÍA Y BELLIDO, A. – *Estudios sobre la legio VII Gemina y su campamento de León*. In «*Legio VII Gemina*». León, 1970, p. 571 e seg.; CARRETERO VAQUERO, S. – *Los campamentos romanos...*, p. 343.

Gemina desde o ano 74. Porém a experiência do conhecimento de outros acampamentos reutilizados⁷² leva-nos a pensar que teria características semelhantes, se não iguais. Seria um recinto mais ou menos rectangular, com os cantos arredondados, situado a 824 metros de altura sobre o nível do mar, numa posição forte nas cercanias dos rios actualmente denominados Torío e Bernesga. O acampamento da VII media 550 metros por 350 metros, o que nos dá uma extensão de 19,25 ha. muito semelhante à dimensão que deve ter tido o acantonamento de VI Victrix.

O acampamento de *Pisoraca*⁷³, quartel da IV Macedonica, ainda se nota no traçado das ruas da moderna Herrera de Pisuerga, identificando-se ainda o *cardo* e o *decumanos*, porém mais nada podemos identificar, pelo que temos que supor que teria características semelhantes aos acampamentos típicos do resto do Império, com uma forma aproximadamente rectangular, com os cantos arredondados e uma extensão de 17 a 20 ha., que era o habitual para o acampamento de uma única legião.

CHEFIAS LEGIONÁRIAS

Não chegou até aos nossos tempos muita documentação sobre os homens que fizeram parte das legiões que ocuparam as terras do vale do Douro durante esses anos, naturalmente em comparação com o número total de legionários que deve ter servido nessas unidades. Tão pouco é este o momento para estudar cada um dos centuriões, tribunos, soldados, etc.

Unicamente pela sua importância militar, gostaria de mencionar os comandantes legionários (os *legati legionis*) conhecidos. Também não são abundantes aqueles cuja memória se conservou. Tomando como referência as três legiões de guarnição no vale do Douro (IV Macedonica, VI Victrix e X Gemina) e como tempo de cálculo a sua permanência entre o fim das guerras no Norte (19 a. C.) e a sua partida da Península e sabendo que os legados legionários desempenhavam o seu posto em geral por três anos (salvo se morriam durante o serviço ou eram destituídos antes do tempo), temos que a IV Macedonica deve ter sido comandada aproximadamente por dezanove legados, a X Gemina por uns vinte e sete, e a VI Victrix por cerca de vinte e nove. No total, setenta e cinco comandantes

⁷² Na fronteira do Reno é muito comum a substituição de uma legião por outra num acampamento, inclusivamente com vários anos de intervalo entre ambas. Foi este o caso da legião II Augusta que, depois da sua passagem por Hispania, no ano 17 d. C., foi estacionada em Argentoratum (Estrasburgo, França). Quando, no ano 43, abandonou essa base para ir para a Britannia, a mesma permaneceu sem guarnição legionária até ao ano 70 altura em que, procedente de Moesia, se instalou aí a VIII Augusta.

⁷³ PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ARANA MONTES, M. e PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca...*, p. 147.

legionários. Destes, não obstante, só conhecemos dois certos e um duvidoso. Os dois certos são da VI *Victrix*. O primeiro deles é *P. Novius Priscus*, que exerceu a sua legatura no início do império de Nero (54-68)⁷⁴ e o segundo é o já mencionado *T. Vinius Rufus*⁷⁵, o legado cuja acção favoreceu tanto a chegada de Galba ao poder em Abril de 68. O legado duvidoso, de nome *Sex. Propertius*, pode ter comandado a X *Gemina* (ou a X *Fretensis*, aí está a questão) sob o império de Cláudio (41-54)⁷⁶.

CONCLUSÕES

Como vimos, o vale do Douro, mais concretamente a sua parte mais nortenha, foi o assento permanente da quase totalidade das unidades legionárias romanas durante o período em que, em Roma, ocupavam o trono os membros da dinastia Júlio-Cláudia. As causas disto são variáveis. Há-as de carácter estratégico: a necessidade de vigiar as tribos montanhosas recentemente submetidas; de carácter militar: assegurar o recrutamento de homens em zonas potencialmente muito favoráveis devido ao carácter belicoso dos seus moradores; de carácter económico: controlar as riquezas da zona, fossem mineiras ou agrícolas. Tudo isto, aliado ao facto de o restante território da Península estar num estado de romanização bastante avançado, faz-nos ver claramente que o estacionamento das legiões na *Hispania* era o ideal.

As legiões romanas estacionadas no vale do Douro converteram-se, depois das guerras cántabro-astures nas típicas unidades de ocupação, às quais, embora não faltasse treino, faltava experiência de combate, já que as suas escassas intervenções guerreiras e a entidade dos seus inimigos não se podem comparar com as abundantes guerras que houve durante a dinastia Júlio-Cláudia no Reno, no Danúbio, na *Britannia* ou Oriente e, além disso, contra inimigos de muito maior peso militar.

⁷⁴ AE 1959, 41.

⁷⁵ Suetonio *Galba XIV*; ALFÖLDY, G. – *Fasti Hispanienses...*, p. 114.

⁷⁶ FORNI, G. – *I Properzi nel mondo romano*. Rendiconti dell'Accademia Nazionale dei Lincei! Cl. Sc. 8, 1985 (1986). In «*Scripti Varii*». Génova, 1994, p. 589; JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *Origen y evolución...*, p. 88.

BIBLIOGRAFIA

- ALFOLDY, G. – *Fasti Hispanienses. Senatorische Reichsbeamte und Offiziere in den spanischen Provinzen des römischen Reiches von Augustus bis Diokletian*. Wiesbaden, 1969.
- ARANA MONTES, M.; PÉREZ GONZÁLEZ, C. y PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca: desde sus orígenes a los visigodos*. 1981. (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 45).
- BALIL, A. – *Bracara Augusta y el Conventus Bracarus*. In «La Romanización de Galicia». La Coruña: F. Acuña, Ed., 1976. (Cuadernos del Seminario de Estudios Cerámicos de Sargadelos; 16).
- BALIL, A.; GARCÍA Y BELLIDO, A.; FERNÁNDEZ DE ANDRÉS, A. y VIGIL, M. – Memoria de las excavaciones arqueológicas efectuadas en Herrera de Pisuerga. 1961 (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 22)
- BERTRAND, I. – *Gijón y su II Milenario*. «Boletín del Instituto de Estudios Asturianos», 80 (1973).
- CAGNAT, R. – *Legio*. «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines». Paris, 1979-1919. vol. III.
- CARRETERO VAQUERO, S. – *Petavonium. Historia de dos campamentos romanos*. «Revista de Arqueología», 125 (Sep. 1991).
- CARRETERO VAQUERO, S. – *Los campamentos romanos y su implantación en España*. In «La guerra en la Antigüedad. Una aproximación al origen de los ejércitos en Hispania». Madrid, 1997.
- DELIBES DE CASTRO, G. y MARTIN VALLS, R. – *Sobre los campamentos de Petavonium*. Valladolid, 1976.
- DIEGO SANTOS, F. – *Historia de Asturias. III: Asturias romana y visigoda*. Vitoria, 1977.
- DIEGO SANTOS, F. – *Die Integration Nord-und Nordwestspanien als römische Provinzen der Reichspolitik des Augustus*. «Aufstieg und Niedergang der Römische Welt». Berlin-New York. II, 3 (1975).
- FITA, F. – *Nuevas inscripciones romanas*. «Boletín de la Real Academia de la Historia». 46 (1905).
- FERNÁNDEZ, C.; PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ILLARREGUI, E. – *Pisoraca. Un interesante conjunto de yacimientos arqueológicos*. «Revista de Arqueología». 120 (Abr. 1991).
- FERNANDEZ DE ANDRÉS, A.; GARCÍA Y BELLIDO, A.; BALIL, A.; VIGIL, M. – Memoria de las excavaciones arqueológicas efectuadas en Herrera de Pisuerga. 1961. (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 22).
- FORNI, G. – *L'occupazione militare dell' Spagna nordoccidentale: analogie e paralleli*. In «*Legio VII Gemina*». León, 1970.
- GAMARRA CABALLERO, J. M. – *El alto valle del Pisuerga en época romana*. 1988. (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 59).
- GARCÍA Y BELLIDO, A. – *El 'exercitus hispanicus' desde Augusto a Vespasiano*. «Archivo Español de Arqueología». XXXIV, 103 e 104 (1961).
- GARCÍA Y BELLIDO, A.; FERNÁNDEZ DE ANDRÉS, A.; BALIL, A.; VIGIL, M. – Memoria de

As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia

- las excavaciones arqueológicas efectuadas en Herrera de Pisuerga. 1961 (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 22)*
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Cantabria Antigua*. Santander, 1986.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *Los cántabros*. Santander, 1993.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J.; SOLANA SÁINZ, J. M. – *La legio IV Macedonica en España*. In «*Hispania Antiqua*». 1975. vol. V.
- HERREROS VENTOSA, M. L.; MOREDA BLANCO, J.; MARTÍN SERNA, M. – *Hallazgos monetarios en Herrera de Pisuerga (Palencia)*. In «*Actas del III Congreso de Historia de Palencia*». Palencia, 1995.
- ILLARREGUI, E.; PÉREZ GONZÁLEZ, C.; FERNÁNDEZ, C. – *Pisoraca. Un interesante conjunto de yacimientos arqueológicos*. «*Revista de Arqueología*». 120 (Abr. 1991).
- JIMÉNEZ DE FURUNDARENA, A. – *El origen y evolución de la legio X Gemina*. Valladolid, 1996. Tese de doutoramento.
- JONES, R. F. L. – *The Roman military occupation of North-West Spain*. «*Journal of Roman Studies*». 66 (1976).
- LE BOHEC, Y. – *La Troisième Légion Auguste*. Paris, 1986.
- LE ROUX, P. – *L'armée romaine et l'organisation des provinces Ibériques d'Auguste a l'invasion de 409*. Paris, 1982.
- LOMAS, F. J. – *Asturias prerromana y altoimperial*. Sevilla, 1975.
- MAGIE, D. – «*Augustus*» war in Spain (26-25 B.C.). «*Classical Philology*». XV (1920).
- MARCHETTI, M. – *Hispania*. In «*Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*». Roma, 1962. vol. III.
- MARTÍN SERNA, M.; MOREDA BLANCO, J.; HERREROS VENTOSA, M. L. – *Hallazgos monetarios en Herrera de Pisuerga (Palencia)*. In *Actas del III Congreso de Historia de Palencia*. Palencia, 1995.
- MARTÍN VALLS, R.; DELIBES DE CASTRO, G. – *Sobre los campamentos de Petavonium*. Valladolid, 1976.
- MARTINO, E. – *León y las legiones*. León, 1992.
- PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ILLARREGUI, E.; FERNÁNDEZ, C. – *Pisoraca. Un interesante conjunto de yacimientos arqueológicos*. «*Revista de Arqueología*». 120 (Abr. 1991).
- PÉREZ GONZÁLEZ, C.; ARANA MONTES, M.; PÉREZ GONZÁLEZ, M. C. – *Pisoraca: desde sus orígenes a los visigodos*. 1981. (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 45).
- RITTERLING, E. – *Legio*. In «*Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*». Stuttgart, 1995. vol. XII, columnas 1369-1370.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A. – *Augusto e Hispania. Conquista y organización del norte peninsular*. Deusto, 1979.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *Hispania y el ejército romano. Contribución a la historia social de la España antigua*. Salamanca, 1974.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército como factor de romanización en Asturias*. In «*Indigenismo y romanización en el Conventus Asturum*». Madrid-Oviedo, 1983.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *La incidencia del ejército romano en el poblamiento del N.O. de Hispania*. In «*Ejército y sociedad. Cinco estudios sobre el mundo antiguo*». León: A. del Castillo, Ed., 1986.

Julio Rodríguez González

- ROLDÁN HERVÁS, J. M. – *El ejército romano en Hispania*. In «La guerra en la Antigüedad. Una aproximación al origen de los ejércitos en Hispania». Madrid, 1997.
- SANTOS YANGUAS, N. – *El ejército romano y la romanización de los astures*. Oviedo, 1981.
- SANTOS YANGUAS, N. – *La conquista romana del N.O. de la Península Ibérica*. «*Latomus*». 41, nº 1 (1982).
- SOLANA SAINZ, J. M. – *Los cántabros y la ciudad de Iuliobriga*. Santander, 1981.
- SOLANA SAINZ, J. M. – *El proceso de anexión del territorio de Palencia y su integración en la provincia Hispania Citerior*. In «Actas del II Congreso de Historia de Palencia». Palencia, 1990.
- SOLANA SAINZ, J. M. – *Centros urbanos y administración del territorio en la submeseta septentrional de Hispania (s. I-II d.C.)*. «*Hispania Antiqua*». XVII (1993).
- SOLANA SAINZ, J. M.; GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. – *La legio IV Macedonica en España*. «*Hispania Antiqua*». V (1975).
- SCHULTEN, A. – *Los cántabros y los astures y su guerra con Roma*. Madrid, 1962.
- SYME, R. – *The spanish war of Augustus (26-25 B.C.)*. «*American Journal of Philology*». 55 nº 4 (1934).
- SYME, R. – *The Roman conquest of North-West Spain*. In «*Legio VII Gemina*». León, 1970.
- VAN DEN EYDE CERUTI, E. – *Las guerras cántabras*. In «*Historia de Cantabria*». Santander, 1981. vol. I.
- VIGIL, M.; GARCÍA Y BELLIDO, A.; FERNÁNDEZ DE ANDRÉS, A.; BALIL, A. – *Memoria de las excavaciones arqueológicas efectuadas en Herrera de Pisuerga*. 1961. (Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses; 22).